

México quer trocar dívida velha com apoio dos parceiros ricos

por Celso Pinto
de Berlim Ocidental

A unânime rejeição, pelos países ricos, da concessão de garantias para emissões de títulos de países devedores, seja diretamente, seja via instituições multilaterais — traço marcante desta reunião de Berlim do Fundo Monetário Internacional (FMI) e do Banco Mundial (BIRD) — não desanimou o México. Ao contrário, o país continua disposto a emitir papéis, em troca de dívidas antigas, com essas garantias.

Trata-se de uma operação prudente e lenta, explicou a este jornal José Angel Gurria Trevino, diretor-geral de Crédito Público da Secretaria (ministério) da Fazenda do México. Gurria, que é o mais importante e experiente negociador da dívida externa mexicana em nível técnico, explicou que essa operação só será efetivada depois da posse do novo presidente, em dezembro. Ou seja, seria algo para ir ao mercado no inicio do próximo ano.

A rigor, o que a atual administração pretende é montar a operação cujo princípio seria trocar dívida velha, com desconto, por títulos novos — e oferecer como opção para a futura administração. Espera-se que o próximo governo fixe, como princípio rígido, a necessidade de retomar o crescimento como base para qualquer política para a dívida e supõe-se que o governo norte-americano terá uma atitude compreensiva. O Brasil, obviamente, está acompanhando com enorme atenção e interesse a iniciativa mexicana.

No início deste ano o México já fez uma primeira operação desse tipo, parcialmente fracassada. O que se quer, agora, é am-



Angel Gurria Trevino

pliar e inovar. Nesta operação, o México anunciou que iria abater US\$ 10 bilhões de sua dívida, mas acabou abatendo US\$ 3,67 bilhões emitindo títulos de US\$ 2,6 bilhões.

Para garantir os títulos, o México desembolsou de suas reservas recursos para comprar títulos do Tesouro norte-americano oferecidos como colateral do principal. Para essa próxima operação, disse Gurria, o México quer usar recursos de "três ou quatro países desenvolvidos amigos" ou de instituições multilaterais para garantir alguns anos de pagamento de juros (uma garantia que seria rolada na medida em que os vencimentos fossem acontecendo).

O próprio Gurria admite que supor que o dinheiro venha de instituições multilaterais talvez seja "prematuro", embora tenha havido conversas com o BIRD a respeito — e algum interesse do banco. Ele assegura, contudo, que há indicações positivas por parte de governos de países desenvolvidos.

Escaldado com a experiência anterior, ele diz que, desta vez, o México não pretende falar em montante de recursos, para evitar uma decepção poste-

rior, mas está claro que seria algo muito substancial, a ponto de servir como base para uma reavaliação da própria estratégia atual para a dívida externa. Detalhes como prazo ou forma de incorporação do desconto (via redução no valor nominal do débito velho ou via juros inferiores aos de mercado) ainda não estão acertados.

"A teologia é fazer tudo dentro das normas de mercado", diz Gurria. Respeitado esse princípio, ele acha que progressos poderão ser alcançados. Sua avaliação sobre a reunião do FMI em Berlim é bastante parecida à do minis-

tro da Fazenda, Mailson da Nóbrega. Apesar da recusa geral em se aceitarem esquemas novos de redução da dívida com apoio de recursos dos países ricos ou instituições multilaterais, pelo menos o tema da redução deixou de ser tabu nas discussões.

Mais do que isso, esteve presente nas posições de muitos o princípio de que a redução da dívida deve e pode coexistir com a captação de dinheiro novo pelos países devedores, analisa Gurria. Por mais que a retórica pela preservação do status quo, algumas novas portas poderão ter-se abertas a partir de Berlim.